



Ministério da Educação – Brasil
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM
Minas Gerais – Brasil
Revista Vozes dos Vales: Publicações Acadêmicas
ISSN: 2238-6424
QUALIS/CAPES – LATINDEX
Nº. 22 – Ano XI – 10/2022
<http://www.ufvjm.edu.br/vozes>

Trabalho: Rupturas, fragmentações e transformações em tempos de Neoliberalismo

Profª Mestra Thamille Pereira dos Santos
Mestra em Educação Profissional e Tecnológica pelo Instituto Federal Farroupilha
Campus Jaguarí – RS – Brasil
Doutorando em Educação na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS)
Docente da Prefeitura Municipal de Santo Ângelo – RS
Rio Grande do Sul – Brasil
<http://lattes.cnpq.br/8253962829343729>
E-mail: thamillepereira@gmail.com

Resumo: O artigo apresenta uma análise sobre as transformações no mundo do trabalho, percebendo quais mudanças ocorreram na percepção do tempo, quais as novas habilidades adquiridas pelos trabalhadores, como o Neoliberalismo transformou o mundo do trabalho e quais as habilidades dos trabalhadores deste tempo. A análise embasou-se em referenciais bibliográficos estudados na disciplina História Social do Trabalho do curso de Doutorado do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Através desta análise constatou-se que o trabalho ganhou novas roupagens com o advento da Sociedade Industrial, posteriormente com a Sociedade Pós-Industrial e o Neoliberalismo. Constatou-se que o tempo se torna moeda de valor, e, portanto, na Revolução industrial o trabalhador passa a ser remunerado pelo tempo despendido, posteriormente com a revolução informacional o trabalho emerge na vida das pessoas de forma abrupta, é fundamental que adquira habilidades e conhecimentos para acender profissionalmente, a interação com a máquina é recorrente, porém agora precisa gerenciá-la e caso seja necessário reprogramá-la. O trabalho invade as vidas dos trabalhadores exigindo constante atualização dos seus conhecimentos e habilidades para o trabalho imaterial. O Neoliberalismo insere na lógica do trabalho a necessidade de um trabalhador flexível, ativo e empresário de si. Portanto, conclui-se que o trabalho atualmente foi agregado à vida das pessoas, exigindo tempo

integral e, portanto, definindo a identidade dos sujeitos, que passam a existir no e para o trabalho.

Palavras-chave: Trabalho; Neoliberalismo; Transformações.

Introdução

Esse artigo foi produzido a partir das discussões acadêmicas empreendidas no Curso de Doutorado do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, mais especificamente na disciplina História Social do Trabalho do Programa de Pós-Graduação em História e Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. O objeto geral da disciplina foi de analisar as transformações, rupturas e permanências nos mundos do trabalho na contemporaneidade. Portanto, as referências bibliográficas e as diversas temáticas abordadas, instigaram a múltiplos questionamentos, elejo alguns destes para responder nesse estudo: Quais transformações ocorreram na percepção do tempo?, quais as novas habilidades devem ser adquiridas pelos trabalhadores?, como o Neoliberalismo transforma o mundo do trabalho? e quais são as habilidades dos trabalhadores deste tempo?. Para discorrer e responder os questionamentos acima, escolhi cinco referências bibliográficas, que acredito, serem capazes de sustentarem um aporte teórico aos questionamentos lançados. Sendo eles, o artigo “Minha comadre. Quero que minha afilhada se chame Luciana”. A trajetória da professora Luciana de Abreu e a Luta pela emancipação feminina por meio da educação” de autoria de Maíra Ines Vendrame e Paulo Roberto Staudt Moreira (2021), que teve por objeto “entender, através de uma experiência individual, como as mulheres foram se inserindo em espaços masculinos, bem como de que modo conseguiram contornar os controles e restrições de gênero” (VENDRAME; MOREIRA, 2021, p. 9). O artigo de Thompson (1998) “Tempo, disciplina de trabalho e capitalismo industrial”, também incluído como aporte teórico, e tem por objetivo explicar a relação entre o tempo e do homem no século XVIII, observando as transformações no tempo causada pela Revolução Industrial. O livro “A nova razão do mundo, ensaio sobre a sociedade neoliberal”, de Pierre Dardot e Christian Laval (2016). Especificamente o capítulo 8 “O Governo Empresarial” foi selecionado, nele os autores discutem sobre a esfera dos interesses privados e do Estado, percebendo a transformação do Estado, que constitui novas relações entre

governo e sujeitos sociais. O dossiê “Trabalho e Subjetividade: da sociedade industrial à sociedade pós-industrial de Cesar Sanson (2010), o objetivo é traçar a passagem do trabalhador da sociedade industrial para a sociedade pós-industrial percebendo a subjetividade do trabalhador, que assume novas formas de ser trabalhador na contemporaneidade. Por fim, o artigo de Dalila Andrade de Oliveira (2010), intitulado “Os trabalhadores da educação e a construção política da profissão docente no Brasil” que discute sobre o movimento de construção da profissão docente presente nos movimentos de organização dos trabalhadores de Educação no Brasil nas últimas décadas. Portanto no próximo capítulo, procuro através do aporte teórico acima, lançar algumas respostas para os questionamentos produzidos.

1.1 Tempo e mudanças no Trabalho

No primeiro questionamento quais transformações ocorreram na percepção do tempo, nos escritos de Thompson, o trabalho e o tempo, começam a constituir uma relação muito próxima, quando há início do contrato de mão de obra, relação empregador-empregado, o tempo transforma-se em dinheiro, Thompson (1998, p. 272) afirma “o tempo é agora moeda: ninguém passa o tempo, e sim o gasta”, a base da Revolução Industrial e do Capitalismo Industrial e Financeiro. Há uma transformação significativa no século XVIII com Revolução Industrial, o trabalho que era manufatureiro passou a ser fabril. Então, o trabalho começa a ser sincronizado e disciplinado “o pequeno instrumento que regulava os novos ritmos da vida industrial era ao mesmo tempo uma das mais urgentes dentre as novas necessidades que o capitalismo industrial exigia para impulsionar o seu avanço” (p. 279), com as fábricas produzindo em grande escala, o tempo não pode ser mais “desperdiçado”, pois o mesmo garante uma maior produção e produtividade e consequentemente mais lucro. O homem que no sistema fabril controlava suas tarefas, ou seja, podendo estender ou diminuir o tempo de trabalho durante o dia, passa a ser disciplinado para conseguir cumprir o tempo da indústria.

Sanson no seu texto descreve minuciosamente as transformações ocorridas na Revolução Industrial,

A sociedade industrial instaura uma nova forma de produzir, opondo os proprietários dos meios de produção – fábricas, máquinas e matéria-prima – aos trabalhadores, aqueles que dispõem apenas de sua força de trabalho. A relação entre os proprietários dos meios de produção e os trabalhadores que vendem a sua força de trabalho institui o assalariamento (SANSON, 2010, p. 7).

Quando o trabalho transforma as relações entre trabalhadores e patrões, agora numa relação força de trabalho e assalariamento, novas rotinas de trabalho são constituídas e são fundamentadas na disciplina, para desenvolver tarefas repetitivas e rotineiras, ou seja, a produção fabril, que exige produção em série, linha de montagem que dita o ritmo da produção, um novo tempo do trabalho agora é definido pela produção, “as forças produtivas do trabalho se transformam em forças produtivas do capital “ (SANSON, 2010, p. 16). O trabalhador não tem domínio sobre o tempo do trabalho, é um trabalhador que deve internalizar a disciplina, condutas, atitudes e comportamentos. Com o advento da Sociedade pós-industrial, que ocorre com mais força no

último quartel do século XX impulsionou significativa e substanciais mudanças na sociedade mundial. O capitalismo passa por uma profunda reestruturação, ainda inacabada, porém suficiente para configurar novas realidades (SANSON, 2010, p. 28).

O que impulsiona esse movimento é a emergência da economia imaterial e do trabalho imaterial, através da Revolução Informacional, a tecnologia passa a agir sobre a informação, incide na existência individual e coletiva das pessoas, pois a máquina passa a ganhar a integração e interação mais ativa com o ser humano. A informação é gerada, armazenada, recuperada, processada e transmitida. Portanto, a economia imaterial está relacionada ao universo da intangibilidade, produtos ligados ao conhecimento, ideias, conceitos.

O conhecimento se tornou a principal força produtiva, portanto, o trabalho torna-se imaterial, pois agora exige a interação entre o homem e a máquina, o trabalhador usa o seu conhecimento e produz novos saberes, há um processo cumulativo constante. Para tanto, deve ser adaptável, flexível, ter capacidade de interação, comunicativo, heterogêneo e disposto. Além disso, o trabalhador sem perceber realiza uma cooperação subjetiva, pois ainda serve ao capital, mas agora consegue acessar as informações que antes eram monopolizadas, manipulam essas

informações que consequentemente enriquece o seu trabalho. Portanto, o que quero destacar neste período, é sobre como o tempo do trabalho já não é mais, necessariamente aferido, pois o tempo de trabalho e tempo de não trabalho confundem-se, há uma linha divisória tênue. A dualidade trabalho-vida se reduz.

doravante, não nos é mais possível saber a partir de quando estamos do “lado de fora” do trabalho que somos chamados a realizar. No limite, não é mais o sujeito que adere ao trabalho; mais que isso, é o trabalho que adere ao sujeito (GORZ, 2005, p. 22 apud SANSON, 2010, p.39).

O trabalhador desde a Revolução Industrial vem transformando sua relação com o trabalho, principalmente, pelo tempo tornar-se moeda de valor, anterior a Revolução Industrial tínhamos um trabalhador que definia seus horários de trabalho, na Revolução Industrial o trabalhador passa a ter horário de trabalho e a ser remunerado por hora e na Sociedade pós-industrial o trabalho submerge a vida, pois, o trabalhador precisa adquirir habilidades e conhecimentos para acender como profissionalmente, portanto, as horas trabalhadas extrapolam o tempo do trabalho. O próprio autor Sanson (2010) afirma, o trabalho torna-se central na vida das pessoas. Com essa breve linha histórica, vemos que ele invade de forma abrupta o modo de vida dos sujeitos, agora suas vidas são válidas no e pelo trabalho.

1.2 Trabalhadores da Educação

Neste subitem tenho por objetivo elucidar rapidamente as transformações dos trabalhadores da educação em dois distintos momentos históricos, desse modo, elejo o texto “Minha comadre. Quero que minha afilhada se chame Luciana”. A trajetória da professora Luciana de Abreu e a Luta pela emancipação feminina por meio da educação” e o artigo “Os trabalhadores da educação e a construção política da profissão docente no Brasil”. O primeiro texto retrata a trajetória da professora Luciana de Abreu que era “órfã e exposta, que se tornou professora pública e defendeu o direito ao ensino e profissionalização das mulheres na sociedade oitocentista¹” (VENDRAME; MOREIRA, 2021, p. 9). Uma mulher com um grande protagonismo, reconhecimento social pós-morte e de grande evidência no Grupo

¹ Uma sociedade em que todos nascem livres e com igual Estatuto Jurídico, porém se constitui numa sociedade de classes baseada na riqueza, grau de educação e profissão.

literário Sociedade Parthenon Litterario² de Porto Alegre -RS nos anos 70 do século XIX. Vemos uma mulher na década de 70 do século XIX, que ganha prestígio pela sua ascensão social através de sua profissão e das redes relacionais.

Já no artigo “os trabalhadores da educação e a construção política da profissão docente no Brasil”, a autora evidencia que com “o desenvolvimento da sociedade moderna, o magistério passou a constituir-se como um ofício em busca da profissionalização” (OLIVEIRA, 2010, p. 19). Essa nova fase do magistério é resultante das novas configurações políticas e da ampliação dos sistemas educacionais, com esse aumento, a profissão necessitou ser regulamentada, foi necessário um movimento dos docentes para a concessão de direitos, no Brasil esse movimento surge entre 1970 e começo dos anos de 1980, uma grande luta pela profissionalização.

A pretensão de olhar para dois artigos de períodos históricos diferenciados e que abordam conceitos díspares, é perceber a profissão docente em um primeiro momento em ascensão e reconhecimentos por décadas e posteriormente a luta pelo reconhecimento profissão e de seus direitos. Nesse contexto atual há um movimento de desvalorização do magistério que é possível identificar na atualidade. A profissão passa a ser averiguada por toda a sociedade, que cobra e exige práticas e ações dos profissionais da educação que contemplem as necessidades deste tempo, há uma vigilância constante sobre o ser professor. O professor na história da sociedade sempre assumiu um papel de herói, com notoriedade e respeitado, hoje há uma mudança de paradigma a “economia produtiva trás um novo modelo de acumulação denominado flexível” (OLIVEIRA, 2010, p.32) e nele constituem novas formas de trabalhos, mais fragmentados, flexíveis e com menor rigidez. Esse caráter flexível chega de duas formas na escola

no objeto dos docentes – eles terão que adequar seu trabalho às exigências atuais, já que formam a força de trabalho para esse mundo em mudança; e na organização de seu próprio trabalho – que também tende a adotar cada vez mais o caráter de maior flexibilidade e autonomia que o trabalho em geral assume” (OLIVEIRA, 2010, p. 32).

² “O grupo dos sócios era bastante heterogêneo, sendo composto por professores, funcionários públicos, caixeiros, mulheres e negros. Tinha como objetivo “civilizar” e promover o esclarecimento da população do Rio Grande do Sul (...). Criaram uma biblioteca, um museu, organizaram uma revista mensal da sociedade e promoveram atividades de ensino, como aulas noturnas, peças teatrais e saraus. (VENDRAME, MOREIRA, 2021, p. 23).

O impacto do neoliberalismo reverbera na educação pública e na própria formação de professores “que têm sofrido ataques frente a um ritmo acelerado de desmonte de direitos, de interrupção das políticas sociais anteriormente construídas e de aprofundamento das desigualdades educacionais e sociais” (CAPRINI, QUEIROS, E AROEIRA, 2023, p. 202). Nesse novo cenário os profissionais da educação são desvalorizados, tanto financeiramente, como no reconhecimento e prestígio social. Há um movimento de desvalorização da profissão que passa a ser vigiada e avaliada constantemente pela sociedade. Em 2023 os professores de diferentes partes do país reivindicaram o pagamento do piso salarial, apesar de ser garantido por lei desde 2008, porém não é cumprido em todos os estados e municípios, o professor necessita lutar e exigir o próprio pagamento pelo exercício da profissão, mesmo neste combate a classe demonstra não apresentar a mesma força política de décadas anteriores.

No ano de 2020, com a pandemia do Covid-19 “para garantir-se segurança sanitária e pedagógica foi preciso que os professores aprendessem de forma emergencial o trabalho com o ensino remoto (CAPRINI, QUEIROS, E AROEIRA, 2023, p. 205). Nesse contexto, os professores passaram a exercer sua prática profissional de forma remota, para atender essa demanda foi necessário adquirir habilidades tecnológicas, uma das únicas formas possíveis de dar aula neste período, também nesse contexto foi preciso diversificar as ferramentas e as práticas pedagógicas com a finalidade de atender a todos e manter os alunos interessados. Em decorrência disso os profissionais da educação extrapolaram as horas diárias de trabalho submetidos a execução de práticas educativas, já que o protagonista educacional foram as tecnologias e seus infinitos recursos que não considera a complexidade do ato educativo. Também tiveram suas vidas privadas invadidas já que para comunicar-se com os pais, a própria escola e os alunos precisaram disponibilizar suas redes sociais. Os docentes, portanto, assumem o compromisso de disponibilidade irrestrita, bem como de flexibilização de suas práticas aos formatos digitais, o compromisso com

1.3 Neoliberalismo e as novas transformações

Neste último subitem o objetivo é discorrer sobre como o Neoliberalismo transforma o mundo do trabalho. Buscando como suporte teórico o capítulo 8 - O Governo Empresarial e capítulo 9 – A fábrica do sujeito neoliberal do livro “A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal” de Pierre Dardot e Christian Laval lançado em 2016. Neste capítulo os autores descrevem a constituição do Estado na contemporaneidade e os novos papéis que assumem, diante do Neoliberalismo. Inicialmente descrevem que os liberais e antiliberais acreditaram na separação entre a esfera dos interesses privados e do Estado, a gestão privada autônoma e capaz de se autorregular. A partir de 1930, a questão deixou de ser um problema dual e passou a ser sobre a intervenção estatal e seus objetivos. Portanto, o Estado torna-se “uma esfera que também é regida por regras de concorrência e submetida a exigências de eficácia semelhantes àqueles a que se sujeitam as empresas (DARDOT, LAVAL, 2016, p. 272). Segundo os autores, o Estado é reestruturado de duas maneiras: com privatizações maciças, que destroem o “Estado produtor”, e no seu interior como um Estado avaliador e regulador, ou seja, essa nova gestão pública realiza mudanças profundas nos sistemas de classificação e remuneração, avaliações baseadas no desempenho individual e nos incentivos financeiros personalizados. Modificando as relações entre governo e sujeitos sociais, transforma os cidadãos em consumidores de serviços, que agora consomem os recursos públicos. O estado passa a ser uma empresa, guiado pelos princípios mercadológicos.

Já no capítulo 9 – A fábrica do sujeito neoliberal, os autores objetivam em explicar como constitui-se um sujeito formado dentro da Lógica Neoliberal. Como já exposto anterior no texto, com o advento do Capitalismo temos uma mudança importante as relações humanas são submetidas à regra do lucro máximo. Desta forma, na Sociedade Neoliberal cada sujeito é responsável por si, um sujeito empresarial. Desse modo, os autores discorrem que a partir desse ponto, “diversas técnicas contribuem para a fabricação desse novo sujeito unitário, que chamaremos indiferentemente de “sujeito empresarial”, “sujeito neoliberal” ou, simplesmente de “neossujeito” (DARDOT, LAVAL, 2016, p. 327). Essas técnicas já não são mais como as utilizadas no período da Sociedade Industrial.

antigas disciplinas que se destinavam, pela coerção, a adestrar os corpos e a dobrar os espíritos para torná-los mais dóceis (...) trata-se agora de governar um ser cuja subjetividade deve estar inteiramente envolvida na atividade que se exige que ele cumpra. Para isso, deve-se reconhecer nele parte irredutível do desejo que o constitui (DARDOT, LAVAL, 2016, p. 327).

Portanto, esse sujeito é inteiramente participativo e ativo na sua atividade profissional. Quando Sanson (2010) descreve o trabalhador do trabalho imaterial que usa e produz conhecimento, sendo uma vantagem diante dos trabalhadores da Sociedade Industrial, percebo que ao mesmo tempo em que existe essa oportunidade, o trabalhador torna-se um sujeito imerso na sua totalidade ao trabalho. A uma subjetividade e a internalização individual de cada sujeito sobre suas atitudes, condutas e comportamento. Aquilo que anteriormente era imposto, agora é incorporada espontaneamente, ou seja, a disciplina não necessita de estratégias punitivas para sua incorporação. A missão do trabalhador dentro da empresa deve ser internalizada individualmente. Conforme Dardot e Laval,

violências sociais típicas do capitalismo: a tendência a transformar o trabalhador em uma simples mercadoria. A corrosão progressiva dos direitos ligados ao status de trabalhador, a insegurança instilada pouco a pouco em todos os assalariados pelas “novas formas de emprego” precárias, provisórias e temporárias, as facilidades cada vez maiores para demitir e a diminuição do poder de compra até o empobrecimento de frações inteiras das classes populares são elementos que produziram um aumento considerável do grau de dependência dos trabalhadores com relação aos empregadores (p.329).

Portanto, vemos um cenário de insegurança que torna o sujeito neoliberal cada vez mais dependente de seu empregador, essa dependência faz com que o trabalhador aceite as exigências de melhoria de desempenho, o que acarreta em um cenário competitivo. Nesse cenário o indivíduo torna-se um empresário de si, gerenciando e maximizando seu próprio desempenho.

Conclusão

Este artigo objetivou através do conjunto de referências bibliográficas compreender como e quando o trabalho começa a torna-se fundamental na vida das pessoas, compreendendo na Sociedade Industrial sua estruturação, identificou-se a

importância do tempo na vida desses sujeitos, pois, hoje muitas vezes não percebemos que o trabalho extrapola o tempo do trabalho, invade nossas vidas e define nossas identidades. É possível compreender a estruturação história do trabalho no Brasil, a constituição do que fato hoje entendemos como trabalho e trabalhadores.

Na leitura do artigo sobre a trajetória da professora Luciana de Abreu, identifica-se a valorização e reconhecimento desta como professora numa Sociedade Oitocientista. Hoje vemos os mesmos profissionais com trajetórias parecidas com a de Luciana de Abreu, que não são reconhecidos ou valorizados, nas entre linhas fica exposto que esses trabalhadores mesmo com toda a formação conquistam ainda necessitam aperfeiçoar-se, numa constante busca incessável pela ascensão profissional e reconhecimento pela sociedade. Nesse sentido, compreendendo as mudanças ocorridas pelo Neoliberalismo na nossa sociedade percebo que estamos todos indistintamente da profissão que exercemos tornando-nos empresários de si, estamos a vender um serviço no mercado, consequentemente estamos perdendo as nossas identidades profissionais, criando um cenário individualista, que visa a si e não o todo, ou seja, não há luta coletiva dos trabalhadores. Cesar Sanson (2010), em seu texto descreve que o trabalhador da Sociedade Pós-Industrial se beneficia do conhecimento produzido e adquirido no e pelo trabalho, porém, se olharmos para o contexto trabalhista atualmente, percebemos uma pequena porcentagem de trabalhadores que se encontram nesse nível, no Brasil vivemos uma grande precarização do trabalho, na exigência de empresários de si, baixa valorização salarial,

Referências

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo: Boitempo, 2016, p.271-296.

MOREIRA, Paulo Roberto Staudt; VENDRAME, Máira Ines. “*Minha comadre. Quero que minha afilhada se chame Luciana*”. *A trajetória da professora Luciana de Abreu e a Luta pela emancipação feminina por meio da educação*. Revista Territórios E Fronteiras, 14(1), 2021, p. 08–39

OLIVEIRA, Dalila Andrade. *Os trabalhadores da educação e a construção política da profissão docente no Brasil*. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. especial 1, p. 17-35, 2010.

SANSON, Cesar. *Trabalho e Subjetividade: da sociedade industrial à sociedade pós-industrial*. Cadernos Instituto Humanitas Unisinos, 2010, p.1-63.

THOMPSON, Edward Palmer. *Tempo, disciplina de trabalho e capitalismo industrial*. In: Costumes em Comum. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, (p. 267-304).

CAPRINI, Aldieris Braz Amorim; QUEIROS, Gean Breda; AROEIRA, Kalline Pereira. *Escola Pública e a formação de professores em tempos de pandemia e de neoliberalismo: retratos e perspectivas*. In: Retratos da Escola Pública Brasileira em Tempos Neoliberais [recurso eletrônico]. Fortaleza: EdUECE, 2023.

Processo de Avaliação por Pares: (*Blind Review* - Análise do Texto Anônimo)

Revista Científica Vozes dos Vales - UFVJM - Minas Gerais - Brasil

www.ufvjm.edu.br/vozes

QUALIS/CAPES - LATINDEX: 22524

ISSN: 2238-6424